



Organizadoras
Nadia Virginia Barbosa Carneiro
Suylan de Almeida Midlej e Silva

e Tempos estranhos

Relatos na pandemia

Noir





Tempos estranhos

Relatos na pandemia

© Copyright 2021

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta obra, por quaisquer meios existentes ou que venham a ser criados, sem a autorização prévia por escrito do autor e dos editores, exceto para fins de divulgação.

Edição: Nadia Virginia Barbosa Carneiro

Suylan de Almeida Midlej e Silva

Organização dos originais: Fabrício dos Reis

Projeto gráfico e capa: Dirceu Rodrigues

Revisão: Gonçalo Junior

Foto da capa: Luiza Midlej

Editora Noir Ltda

Praça da Sé nº 21, sala 410 – Centro Histórico

CEP: 01001-000 São Paulo-SP

Telefone: (11) 2539-5590

E-mail: contato@editoranoir.com.br

Site e livraria: www.editoranoir.com.br

Impresso no inverno de 2021

N31

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tempos estranhos : relatos na pandemia /
organização Nadia Virginia Barbosa Carneiro,
Suylan de Almeida 'Midlej e Silva. --
São Paulo : Noir Editora, 2021.

ISBN 978-65-89482-06-2

1. Artes 2. COVID-19 - Pandemia 3. Humanidades
4. Literatura brasileira 5. Relatos I. Carneiro,
Nadia Virginia Barbosa. II. Silva, Suylan de Almeida
'Midlej e.

21-73910

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Coletâneas : Literatura brasileira B869.8

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Pedidos com frete grátis: www.editoranoir.com.br





Sumário

- 10 Andréa May
- 14 Celi Márcio Santos
- 18 Charliston Nascimento
- 22 Clara Ghimel
- 25 Cláudio Xavier
- 44 Conceição Marques
- 48 Cristiana Nepomuceno
- 54 Cristiane Araújo Costa
- 59 Eunice Machado Gazzo
- 64 Gonçalo Junior
- 69 Luiza Midlej
- 72 Márcia Hora Acioli
- 80 Nadia Virginia
- 83 Pedro Rezende Merheb
- 85 Ricardo Freitas
- 92 Suylan Midlej
- 96 Tatiana Tessye
- 100 Valdemir Pires







Apresentação

Quando iniciamos este projeto, em abril de 2020, começo da pandemia do coronavírus, não sabíamos quando isso tudo iria acabar. Aliás, achávamos que tão cedo não nos livraríamos da Covid-19, que se alastrava em todo mundo. Afinal, tratava-se de um inimigo invisível e violentamente devastador. No entanto, queríamos viver essa realidade, explorando o que ela estava trazendo para nossa vida, colocando pra fora a angústia do isolamento social, o horror de acompanhar tantas mortes e a sensação de estar em permanente estado de alerta.

Resolvemos, assim, convidar amigos e amigas para essa catarse poética, a coletânea “Tempos estranhos”, construída por 18 pessoas, de vários lugares que, ao nosso chamado, imediatamente, toparam essa aventura. Não imaginávamos que um ano depois ainda estaríamos vivenciando angústias similares ou até piores que aquelas do início da pandemia. Sim, mesmo com a descoberta da vacina, ainda são entre duas e quatro mil mortes por dia no Brasil, e outras tantas em outros países, causando uma sensação de impotência em todas as pessoas, minimamente, sensíveis.

Também é revoltante assistir a ineficiência da gestão pública, sobretudo, da saúde no país e a falta de transparência e comunicação com a sociedade, o que deixa a população ainda mais perdida, embalada por um salve-se quem puder. Concluímos que mais do que nunca precisamos ecoar nossos sentimentos e nossas ações diante desse cenário ainda de perdas e sofrimento.

Nossa coletânea traz uma variedade de estilos literários e estéticos. Tivemos o cuidado de dar total liberdade criadora aos autores, que se reflete no formato livre, e até híbrido dos textos, em uma expressão genuína de quem está olhando esse momento com atenção e intensidade. São poemas, cartas, contos, crônicas, relatos, imagens, registros, lamentos. Textos que contam história, expressam





sentimentos. Tudo em sintonia com estes tempos tão estranhos: Poemas que traduzem o cotidiano, a vida comprimida diante das obrigações nem sempre nossas, que salientam a preocupação com o vírus, o contágio, as mortes, a dor, a solidão. Retratam a rotina fúnebre, o pesadelo enlouquecedor, os dias cinzas. Trazem o retrato de um vírus que enfraquece e desanima, mas faz pensar e se cuidar; Cartas que contam como estamos hoje a alguém que não está mais aqui, como se fosse um novo jeito de se comunicar com o além, ou buscar alento nas lembranças boas de quem sempre sabia o que falar e fazer diante de situações difíceis; Contos que narram histórias passadas, presentes e de um futuro incerto e preocupante. No entanto, falam do sonho de um mundo mais sereno, sustentável e solidário. Exploram a beleza de acompanhar mais atentamente as estações do ano e mostram o valor de mudar a relação com nossa casa, nosso lar, nossa família; Crônicas que trazem a ideia de aprisionamento, solidão, medo, angústia, tristeza, tédio. Mas também ressaltam o valor de um banho de sol, de respirar ao ar livre; o aprendizado obtido no vazio, no silêncio; a importância do ócio, das novas leituras, dos animais de estimação, das lembranças do carnaval.

Relatos que observam a insanidade do confinamento com várias cenas que, apesar de incompreensíveis, são reais e perturbadoras; que descrevem como são os dias de isolamento social, convivendo com uma ansiedade permanente e, ao mesmo tempo, com o desejo de que a vida volte ao “normal”, sem saber, ao certo, de que *normal* se está falando. Contam a experiência de se estar solteiro em tempos de pandemia, da solidão das ex-amantes e de como está difícil viver sem carinho e carícias.

Imagens tentam retratar desde o cotidiano estático até a dinâmica da vida, com seus detalhes luminosos diante de momentos tão sombrios. A sutileza da elegância dos objetos, com seus mistérios e esplendor. Expressam o afrofuturismo e a sinuosidade da mulher. Um poema-imagem traz o canto e encanto dos pássaros. Afinal, precisamos voar.





Registros de como a tristeza entrou em nossas casas, dos desejos e anseios, do que se tornou impossível depois de ruas e lugares fechados. Do processo da arte e de seus efeitos na vida, principalmente, diante do isolamento social. A arte mostrada como possibilidade de construção e perspectivas para o futuro.

Lamentos pela falta de consciência de boa parte da população, mas também pela falta de coordenação nacional e regional dos governantes na área de saúde, o que, principalmente, atrapalha o engajamento da sociedade no enfrentamento ao coronavírus. E, em especial, o lamento de ter acreditado que sairíamos melhor dessa, o que fica difícil diante da dívida com as milhares de vidas perdidas. O lamento de vivermos estranhos dias.

Acreditamos, desde o início, que era preciso registrar, comunicar para o mundo o que estávamos vivendo e, neste sentido, esta obra cumpre muito bem a sua função de reunir relatos da vida real acontecendo nestes tempos tão estranhos. Acreditamos, do mesmo modo, que, uma experiência tão intensa, difícil e até assustadora, não poderia ser traduzida pela racionalidade. Como explicar o inexplicável? Criando conceitos e teorias distanciadas do vivido? Talvez não. Não desta vez. Deixamos os paradigmas e as definições de lado e apostamos na sensibilidade, no sentir que se perde e se encontra no sentido.

Boa leitura!

As Organizadoras





Andrea May

Andrea May (BRASIL) é artista visual e sonora, curadora independente e mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia. Também conhecida como May HD, seu projeto solo *“Noisy Turntablism”* (Discotecagem ruidosa) consiste na livre improvisação utilizando discos de vinil preparados ou destruídos que, somados a efeitos eletrônicos conectam o experimentalismo à potência do sensível feminino em criações sonoras viscerais. Com esta proposta já se apresentou no Festival NOVAS FREQUÊNCIAS Ano X, Festival DYSTOPIE 2020 (Berlin), Circuito de Música Contemporânea - CMC (2018 e 2019), Festival DIGITÁLIA, CURTO-CIRCUITO na Audio Rebel (RJ); Centro da Terra (SP), Fauhaus (SP), Casa Híbrido (BH), desenvolvendo parcerias com artistas como Junix 11, Ida Toninato (Canadá), Bella, Marcela Lucatelli, Nahnati Francischini, Aishá Roriz, Edbrass Brasil, Coletivo MACCHINA SOM ALLSTARS, dentre outros. Álbuns lançados: AUTOSAVE (Noise Invade); SONHO DOBRADO (Pan Y Rosas Discos - Chicago/ EUA), ORBITAR (single) e EXPULSO (Al revés).

Salvador, 14 de agosto de 2020.





Da Visualidade Do Invisível

“Quando se fica sem ar diante de um desenho ou de uma pintura, é porque não se vê nada; o que se vê essencialmente não é o que se vê, mas, imediatamente, a visibilidade. E, portanto, o invisível”. (DERRIDA, 2012, p.82)

Na instância da criação artística, me aproximei de um processo reverso. Focada no apagamento das memórias recentes, dos contingentes estados da matéria e os resultados vagos, inaudíveis, silenciosos porém não menos ruidosos, sinto-me presente neste estado insólito que me “tomou de assalto” e me mantém refém em cativeiro próprio até o momento desta escrita. No entanto, ainda é possível sonhar... sonhei em branco e, na mesma circunstância, gostaria de colaborar para o registro deste momento estranho, cujo medo do invisível está deixando marcas visíveis no corpo, na mente, nas artes.

Palavras-chave: ruído; visualidade; invisibilidade; metáfora; vazio.
Referência

